

Atena
Editora
Ano 2021

GEOGRAFIA:

**A Terra como Palco das Relações
entre Sociedade e Meio**

**Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)**



Atena
Editora
Ano 2021

GEOGRAFIA:

**A Terra como Palco das Relações
entre Sociedade e Meio**

**Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)**



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Geografia: a terra como palco das relações entre sociedade e meio

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a terra como palco das relações entre sociedade e meio / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-038-1

DOI 10.22533/at.ed.381211205

1. Geografia. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra: **Geografia: A Terra como Palco das Relações entre Sociedade e Meio**”, reúne estudos que destacam a Geografia, por meio da compreensão das relações entre natureza e sociedade na interface com distintas áreas do conhecimento. Conferindo um caráter contributivo ao entendimento do cenário atual, apresenta e alisa estudos recentes e contextualizados, pautados na construção do Espaço Geográfico.

Fruto de esforços de pesquisadores de diferentes regiões e instituições brasileiras e estrangeiras, o livro é composto por vinte sete capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, cujo fio condutor é a relação sociedade natureza. Aborda estudos que abrangem gestão ambiental e de risco, problemas urbanos, educação ambiental, étnico-racial, de classe e de gênero, educação geográfica, bacias hidrográficas, estudos migratórios, desmatamento, entre outros. A obra reflete um panorama de realidades socioculturais variadas e distintas entre si, proporcionado maior abrangência e análise espacial, riqueza cultural e diversidade de sujeitos.

Com base nos estudos aqui apresentados, é possível considerar a complexa relação entre sociedade e natureza e o uso que fazemos dos recursos naturais. Além disso, no leva a refletir sobre a adoção de novos hábitos, costumes, valores e atitudes em relação ao consumo de tais recursos. Em decorrência, pode-se postular e desenvolver ações que visem garantir sua presença e permanência, seja pela sociedade civil ou por meio de políticas públicas.

Por fim, destaca-se que em cada capítulo, é possível perceber a diversidade e pluralidade de ideias acerca da do espaço geográfico na atualidade. Sua leitura, pode contribuir na reflexão e entendimento dos novos cenários que se apresentam, nas diferentes formas de uso dos elementos constitutivos do espaço. Portanto, acredita-se que a obra pode refletir na busca de ações que envolvam a construção de uma sociedade socio-ambientalmente mais harmônica e cidadã, respeitando as diversidades humanas e naturais.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMAGEM GEOGRÁFICA NAS PAISAGENS URBANAS - UM ENSAIO SOBRE CIDADE DE DEUS E AS NOVAS PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS

Octávio Schuenck Amorelli

DOI 10.22533/at.ed.3812112051

CAPÍTULO 2..... 14

A GEOGRAFIA DOS PARQUES URBANOS: CARTOGRAFANDO AS SIMBOLOGIAS E MORFOLOGIAS DO CAMPO DE SÃO BENTO EM NITERÓI-RJ

Clara Maria Santos de Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.3812112052

CAPÍTULO 3..... 26

ANÁLISE DOS FATORES LOCACIONAIS NA PRODUÇÃO DE SUPLEMENTOS ALIMENTARES: *WHEY PROTEIN*

Fernando Camillo Santos Cano

DOI 10.22533/at.ed.3812112053

CAPÍTULO 4..... 38

A CONTRIBUIÇÃO DE JOSUÉ DE CASTRO PARA A GEOGRAFIA POLÍTICA E A GEOPOLÍTICA: UMA VISÃO ALTERNATIVA PARA O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO TRADICIONAL

Gleydson Gonzaga de Lucena

Leandro Ribeiro Mello

DOI 10.22533/at.ed.3812112054

CAPÍTULO 5..... 51

GEOPOLITICA EUROPÉIA, POSSÍVEL SECESSÃO NOS BALCÃS: O CASO DA VOIVODINA

Dante Severo Giudice

Cleidson Oliveira

Michele Paiva Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3812112055

CAPÍTULO 6..... 60

DINÂMICA MIGRATÓRIA E ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO EM SERGIPE SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO

Neilson Santos Meneses

Elza Francisca Corrêa Cunha

DOI 10.22533/at.ed.3812112056

CAPÍTULO 7..... 76

BACIAS HIDROGRÁFICAS TRANSFRONTEIRIÇAS: AS TRANSFORMAÇÕES FOMENTADAS PELO SISTEMA AGROPECUÁRIO CONTEMPORÂNEO SOBRE AS PAISAGENS NATURAIS

Denise Peralta Lemes

Ana Leticia de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3812112057

CAPÍTULO 8..... 87

INUNDAÇÕES E O POTENCIAL USO DAS SIMULAÇÕES E MAPAS PARA A GESTÃO DE RISCOS

Renata Coutinho de Oliveira

Lucas Fernandes de Medeiros Barros

Vandré Soares Viegas

Elizabeth Maria Feitosa da Rocha de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3812112058

CAPÍTULO 9..... 99

ANÁLISE DA CATÁSTROFE PROVOCADA PELO CICLONE IDAI EM MOÇAMBIQUE E SOLIDARIEDADE NACIONAL E INTERNACIONAL

Maria Albertina Lopes da Silva Barbito

DOI 10.22533/at.ed.3812112059

CAPÍTULO 10..... 110

DISCUSSÕES TEÓRICAS E CONCEITOS BÁSICOS PARA O ENTENDIMENTO DA SECA ENQUANTO DESASTRE SOCIONATURAL NO ESTADO DO CEARÁ

Antonio Marcos Mendonça Lima

Jander Barbosa Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.38121120510

CAPÍTULO 11..... 118

PRECIPITAÇÃO NIVAL NO INVERNO DE 2013 E AS CONDIÇÕES DO TEMPO LOCAL E REGIONAL EM GUARAPUAVA – PARANÁ

Aparecido Ribeiro de Andrade

Claudiane da Costa

Juliane Bereze

DOI 10.22533/at.ed.38121120511

CAPÍTULO 12..... 133

UTILIZAÇÃO DE MODELAGEM HÍBRIDA WAVELET NAS PREVISÕES DE SÉRIES TEMPORAIS COMO AUXÍLIO DE COMPREENSÃO NA ANÁLISE METEOROLÓGICA

Ricardo Vela de Britto Pereira

Luiz Albino Teixeira Júnior

Jairo Marlon Corrêa

Levi Lopes Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.38121120512

CAPÍTULO 13..... 147

GESTÃO AMBIENTAL URBANA E CIDADES SUSTENTÁVEIS: ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE GOIÂNIA (GO)

Ciro Fernandes Silva Pessoa

Bruno Lourenço Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.38121120513

CAPÍTULO 14.....	159
GESTÃO DO ESPAÇO URBANO E CIDADANIA NA IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA	
Leandro Gomes Reis Lopes João Paulo Sales Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.38121120514	
CAPÍTULO 15.....	169
TERRITORIALIDADE E CONFLITOS EM VILA VELHA DO CASSIPORÉ: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO	
Risonete Santiago da Costa Ricardo Ângelo Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.38121120515	
CAPÍTULO 16.....	184
IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E AMBIENTAIS DECORRENTES DA CONSTRUÇÃO DE PORTOS MARÍTIMOS: CONTEXTO DO NORDESTE BRASILEIRO	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Edivana Rocha Carvalho Marcus Pierre de Carvalho Baptista Liége de Souza Moura João Paulo dos Santos Silva Luziane Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.38121120516	
CAPÍTULO 17.....	202
OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS ATRAVÉS DO DESMATAMENTO NA MICROBACIA HIDROGRÁFICA DO RIACHO JORDÃO (SOBRAL-CE, BRASIL)	
Francisco Edilson Lucas do Nascimento Ernane Cortez Lima	
DOI 10.22533/at.ed.38121120517	
CAPÍTULO 18.....	210
A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES CAMPONESAS FRENTE ÀS DESIGUALDADES DE GÊNERO E DE CLASSE NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO, SÃO PAULO, BRASIL	
Hana Nusbaum	
DOI 10.22533/at.ed.38121120518	
CAPÍTULO 19.....	218
O POTENCIAL GEOPOLÍTICO DA FUTURA FERROVIA DO “EIXO DE CAPRICÓRNIO” – UM PROJETO REGIONAL DE IMPACTO CONTINENTAL	
Pável L. Grass	
DOI 10.22533/at.ed.38121120519	

CAPÍTULO 20.....	230
EDUCAÇÃO DECOLONIAL INDÍGENA: CONTRIBUIÇÃO À EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E INTERCULTURAL (POVO TEMBÉ – SANTA LUZIA – PARÁ E POVO KARIPUNA – OIAPOQUE-MACAPÁ)	
Fabrício César da Costa Rodrigues Risonete Santiago da Costa Estefane de Souza Reis Tembê	
DOI 10.22533/at.ed.38121120520	
CAPÍTULO 21.....	243
JOGO GEOGRÁFICO: UMA REFLEXÃO SOBRE SUA CONSTRUÇÃO TEÓRICA	
Tais Pires de Oliveira Claudivan Sanches Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.38121120521	
CAPÍTULO 22.....	252
O ENSINO DE GEOMORFOLOGIA NO CURSO DE ARQUEOLOGIA E A AVALIAÇÃO POR PORTFÓLIO	
Andrea Lourdes Monteiro Scabello	
DOI 10.22533/at.ed.38121120522	
CAPÍTULO 23.....	266
MAPEAMENTO DAS VAGAS DE DESIGNAÇÃO TEMPORÁRIA PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESTADO DE MINAS GERAIS ATRAVÉS DA PLATAFORMA GOOGLE MY MAPS	
Flávia Machado da Cruz Pinheiro Barbosa Patrícia Rosa Aguiar Sandro Laudares	
DOI 10.22533/at.ed.38121120523	
CAPÍTULO 24.....	274
A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E SUAS APROXIMAÇÕES DE ESTUDO	
Camila Benatti	
DOI 10.22533/at.ed.38121120524	
CAPÍTULO 25.....	288
O DIÁLOGO ENTRE A ARTE E O GEOPROCESSAMENTO: IMPACTOS CULTURAIS E SOCIAIS NO COTIDIANO SANTA-MARIENSE	
Luísa dos Santos Furquim Virgínia Comis Berguemaier Márcia Lenir Gerhardt Valmir Viera	
DOI 10.22533/at.ed.38121120525	

CAPÍTULO 26	298
EL NEOERUSAIANISMO RUSO Y LA REINTERPRETACIÓN DEL ESPACIO DE GEOPOLÍTICA István Szilágyi DOI 10.22533/at.ed.38121120526	
CAPÍTULO 27	317
REVISTA GEOGRAFIA: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA E ESPACIAL DO ACERVO DE 1976 A 2016 Antônio Hot Pereira de Faria Diego Filipe Cordeiro Alves João Francisco de Abreu DOI 10.22533/at.ed.38121120527	
SOBRE O ORGANIZADOR	336
ÍNDICE REMISSIVO	337

CAPÍTULO 15

TERRITORIALIDADE E CONFLITOS EM VILA VELHA DO CASSIPORÉ: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Data de aceite: 28/04/2021

Risonete Santiago da Costa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Mestre em Educação Agrícola, Licenciada-Bacharel em Geografia, Licenciada Plena em Pedagogia, Pedagoga do Instituto Federal do Amapá (IFAP) e professora da rede pública do Estado do Amapá
<http://lattes.cnpq.br/0597923532188453>

Ricardo Ângelo Pereira Lima

Professor Associado II, Universidade Federal do Amapá. Pós-doutor em Geografia (PPGEO/UFGA). Bolsista de Extensão/CNPq
Pesquisador do GAPTA-DITAMA/CNPq.
<http://lattes.cnpq.br/1993748824383678>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo contribuir para a reflexão sobre a problemática da reforma agrária no Brasil, a política de assentamento viabilizada pelos governos e a necessidade de desenvolvimento socioeconômico e de infraestrutura que os assentamentos precisam construir para a vida coletiva e para a economia do Amapá. A área de estudo deste trabalho será o Assentamento de Vila Velha do Cassiporé, área de entorno do Parque Nacional do Cabo Orange, onde foram abordados: a história deste assentamento, como vivem e sobrevivem seus assentados, as diversas potencialidades deste assentamento e como as políticas públicas inviabilizam o pleno

desenvolvimento desta comunidade.

PALAVRAS - CHAVE: Territorialidade. Assentamentos rurais. Cassiporé.

ABSTRACT: This paper aims to contribute to a reflection on the problem of agrarian reform in Brazil, a settlement policy made possible by governments and the need for socioeconomic and infrastructure development and which settlements need to build for collective life and for the economy of Amapá. The study area of this work will be the settlement of Vila Velha do Cassiporé, an area surrounding Cabo Orange National Park, where the following were discussed: the history of this settlement, how its settlements live and survive, the diverse potentialities of this settlement and how policies, as well as the full development of this community.

KEYWORDS: Territoriality. Rural settlements. Cassiporé.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do trabalho *Territorialidade e Conflitos em Vila Velha do Cassiporé: Políticas Públicas para o desenvolvimento*, onde se busca compreender as políticas de assentamentos rurais no Estado do Amapá, mais especificamente a comunidade de Vila Velha do Cassiporé, que está localizada no município de Oiapoque.

Para compreender as políticas públicas de Assentamento de Vila Velha do Cassiporé, foi necessário entender como se deu a trajetória de formação espacial do município de Oiapoque,

a ocupação do território do que atualmente é conhecido como Vila Velha do Cassiporé. Também foi necessário refletir sobre a construção cultural e territorial desta comunidade até o momento da sua transformação em assentamento rural e qual a contribuição das políticas de assentamento rural para o desenvolvimento da comunidade.

A pesquisa foi realizada no Assentamento de Vila Velha do Cassiporé, que está distante 25 quilômetros da sede do município de Oiapoque.

A metodologia utilizada tem abordagem qualitativa, com características bastante significativas para este estudo, a qual permite o acesso a uma diversidade de fontes de pesquisa: entrevista dirigida, entrevista semidirigida, diário de campo ou de observação, gravação, filmagens, fotografias e documentos.

Os resultados foram estruturados em três etapas: a primeira descreve os assentamentos agrícolas enquanto políticas públicas, a segunda etapa aborda o processo de ocupação regional por meio de assentamentos agrícolas no Amapá e como as políticas agrárias ocorrem nos dias atuais e a terceira contextualiza a história do município de Oiapoque e de Vila Velha do Cassiporé, as atividades produtivas realizadas pelos assentados e os conflitos gerados pelo uso múltiplo do território.

2 | ASSENTAMENTOS AGRÍCOLAS COMO POLÍTICAS PÚBLICAS

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) foi criado em 1970, com a finalidade de promover, executar e controlar a reforma agrária; por meio deste mecanismo é que se organiza toda uma estrutura de colonização em larga escala para o território nacional, incluindo-se a Amazônia e o Amapá.

A maioria dos assentamentos do Amapá não fez parte do planejamento territorial dos órgãos responsáveis pelas questões fundiárias do Estado. Os assentamentos surgiram a partir da ocupação desordenada por meio da formação de vilarejos espontâneos, que posteriormente foram transformados em assentamentos agrícolas, não sendo, assim, uma ação planejada pelos órgãos governamentais.

Segundo o Programa de Prevenção e Controle do Desmatamento e Queimadas do Estado do Amapá, a maioria dos assentamentos do Estado surgiu espontaneamente, a partir da ocupação de terras públicas por grupos de pessoas – a maioria do Nordeste brasileiro – e, somente em momento posterior, o INCRA “regularizou” (AMAPÁ, 2009).

Após a regularização dos assentamentos, uma das primeiras ações efetivadas da estrutura governamental se refere à aplicação de créditos para instalação, sendo este o apoio inicial visando à aquisição de materiais para a construção de moradias. Cabe ao governo também se responsabilizar em prover a infraestrutura básica de acessibilidade para os assentados, com a construção de estradas e pontes, o que é somado à demarcação dos lotes e à titulação dos mesmos.

Ainda outros programas e ações são, apesar de timidamente, realizados pelo

governo federal, como o apoio à produção, por meio de fomentos e incentivo à obtenção de créditos agrícolas, principalmente os de origem do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), e os serviços de assistência técnica em consonância com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Amapá (RURAP).

Em termos de produção nos assentamentos do Estado do Amapá, a configuração básica da área produtiva é a pequena agricultura de caráter eminentemente familiar. Nos assentamentos, em geral, predomina o cultivo de pequenas roças de lavouras anuais, centradas, especialmente, na cultura da mandioca (utilizada na produção da farinha e seus subprodutos) e, em algumas situações, em consórcio com outros cultivos, como arroz e feijão, entre outras plantações.

Há no Estado do Amapá inúmeros problemas relacionados à infraestrutura básica que dificultam permanência e aumento da produtividade, que se aliam ao fato de que o solo amazônico é considerado pobre em nutrientes, fazendo com que os pequenos agricultores sejam obrigados a investir na lavoura para correção do solo, investimento a que o pequeno produtor rural não tem acesso devido à falta de incentivos do Estado.

2.1 A Política de Assentamentos

Os dados de 2017 do INCRA demonstram que o Estado do Amapá possuía 54 projetos de assentamentos rurais, que ocupam uma área de 2.244.744,99 hectares, atendendo a um público de 14.826 famílias. Os assentamentos estão distribuídos entre várias jurisdições: jurisdição do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), jurisdição do Instituto do Meio Ambiente e Ordenamento Territorial do Estado do Amapá, jurisdição do poder municipal (município de Laranjal do Jarí-AP) e jurisdição do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). Todos os assentamentos são devidamente reconhecidos pelo INCRA.

Segundo o PPCDAP (AMAPÁ, 2012), o uso da terra nos assentamentos segue o modelo vigente nas demais regiões do Amapá. O ciclo se inicia pela extração da madeira, seguida da produção de lenha e da queimada para implantação dos roçados de mandioca (base econômica de todas as propriedades). No que se refere à agregação de valor da produção nos assentamentos, a dinâmica produtiva não segue rigorosamente os padrões de sistemas produtivos ditos modernos, uma vez que as práticas produtivas usuais ainda são artesanais, utilizadas muito mais como estratégias de subsistência, de seguridade alimentar e de fixação da família à terra, em detrimento da sua inserção produtiva no mercado de produtos rurais.

A questão é que a pequena produção agrícola dos assentamentos do Estado do Amapá está relacionada a problemas de diferentes ordens, que, em muitos casos, constituem-se em impedimento e/ou desestímulo ao trabalho, tais como: deficiência ou falta de assistência técnica, de transporte para escoar a produção, de energia elétrica, de abastecimento de água (poços) e de créditos agrícolas (IEPA, 2012).

Os problemas citados no parágrafo anterior são condicionantes que afetam diretamente à qualidade de vida e permanência dos assentados em suas respectivas parcelas.

3 I CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE OIAPOQUE E DE VILA VELHA DO CASSIPORÉ

Verifica-se que a origem da população de Vila Velha se deu a partir das missões religiosas que vieram para a Amazônia. Gomes (2007, p. 62) relata a respeito da formação da vila:

A formação da Vila do Cassiporé remonta em sua fundação datada à época da instalação de missões religiosas na Amazônia, onde alguns Frades Franciscanos do Pará, no início do ano de 1618, século XVII, organizaram visitas e fundaram a vila (GOMES, 2006, n. c.).

Nos anos de 1835 e 1840, ocorreu um grande movimento/conflito denominado Cabanagem. A origem do conflito se deu porque os chamados cabanos não aceitavam a elite paraense local que era remanescente da Coroa Portuguesa. Os cabanos se insurgiram contra a dominação política e econômica desta elite na região, ocasionando um grande conflito regional, estendendo-se pela região norte do Estado do Amapá, que neste período fazia parte do Estado do Pará.

Sobre o movimento da Cabanagem, Picanço (1981, p. 78) relata:

O movimento cabano e as apreensões a respeito à passagem desses revoltosos para ocupar o norte do Território do Amapá, onde eles teriam condições de fazer uma aliança beligerante com os franceses, contra as forças do Império Brasileiro, recebendo em troca armas e munição.

A aliança dos Cabanos com os franceses foi duramente combatida pelas forças imperiais, pois esta aliança seria um perigo para alavancar o movimento em toda região.

Para Santos (2005, p. 14-15), este conflito instabilizou a política na região, momento em que os franceses aproveitaram para implantar uma guarnição no Lago dos Bagres (município de Amapá) e estender suas pretensões territoriais até ao norte do Brasil. Naquele período, esta região conhecida como Contestado Franco-Brasileiro, passou a ser administrada por um representante do Governo Brasileiro e outro do Governo Francês. A principal disputa por esta área era motivada pelas riquezas ali existentes, principalmente com a descoberta de jazidas de ouro na região do município de Calçoene.

Para amenizar os conflitos, foi assinado o Tratado de Utrecht (1713). Mas os franceses continuaram a questionar os limites da área em questão. Segundo Santos (2005, p. 9), somente em 1900, com a arbitragem do Conselho Federal Suíço, por meio do Tratado de Berna, foi reconhecido o direito brasileiro à área de litígio e, em 1901, a região do atual Estado do Amapá foi incorporada como Território do Estado do Pará.

Os fatos citados por Santos (2005) também foram relatados nas entrevistas com moradores mais antigos de Vila Velha do Cassiporé, onde relembram que seus antepassados entravam para as minas de ouro desta região. Afirmam também que Vila Velha do Cassiporé era um lugar muito próspero, pois estava no caminho por onde garimpeiros acessavam às minas.

Também naquela região tinha vários comerciantes que forneciam mantimentos aos garimpos. Os moradores de Vila Velha também relatam que havia uma grande presença de franceses que habitavam aquela região para intercâmbio comercial, trazendo e levando o ouro dali extraído. Alguns levavam para a Guiana Francesa, outros levavam para a Europa.

Devido à arbitragem do Laudo Suíço, em 1 de dezembro de 1900, houve, por parte do governo brasileiro, um processo de expulsão de franceses que moravam na região do Contestado (região compreendida entre os rios Araguari e Oiapoque), já que definitivamente foi decretada a posse daquelas terras ao Brasil.

Assim, com a retirada dos estrangeiros da Vila Velha do Cassiporé, cujo quantitativo era elevado, ficou ali apenas a população local, paraenses refugiados da cabanagem, outros que vieram trabalhar no garimpo e descendentes de índios. A partir deste período, diminuiu significativamente a população, o fluxo de pessoas e as atividades comerciais em Vila Velha do Cassiporé.

3.2 Vila Velha do Cassiporé: de Comunidade à Assentamento Rural

O assentamento de Vila Velha do Cassiporé está localizado à margem esquerda do Rio Cassiporé, distante cerca de 590 quilômetros de Macapá, por via terrestre, e, posteriormente, segue-se da margem do Rio Cassiporé em uma embarcação, por mais seis horas de viagem fluvial. Em 1999, o INCRA decretou a área de Vila Velha do Cassiporé como assentamento (INCRA, 2006). De acordo com os dados do INCRA (2017), atualmente, a vila possui 149 famílias assentadas. Todavia o assentamento tem capacidade para receber 170 famílias.

A referida vila se tornou assentamento em 27 de dezembro de 1999 (INCRA, 2016). O objetivo desta transformação era assegurar aos moradores daquela comunidade os benefícios/programas que eram garantidos aos assentamentos de Reforma Agrária. No entanto, sua história é bem mais antiga, como retratam seus moradores, em entrevista à Revista Globo Rural:

'A primeira missão religiosa que chegou aqui foi a de uns padres franciscanos, em 1618. Eles vieram catequizar os índios caraibas, os verdadeiros donos desse território'. Procópio, que vinha logo atrás, recordou que toda a região situada entre os rios Araguari e Cassiporé, onde está Vila Velha, integrou no passado uma zona de contestado, num conflito entre Portugal e França que durou cinco anos e só foi resolvido por arbitragem internacional, no século XIX [...], essa vila foi dominada por três árabes que conheci quando criança, Mansur, Abdul e Salah, lembrou Procópio. Eles vieram atrás do ouro, que

tinha muito no Rio Cassiporé, e viraram os donos de Vila Velha.' (GRANATO, 2009, n.p.).

Os fatos narrados pelo senhor Procópio, são confirmados por outra moradora, que afirma, na entrevista à Revista Globo Rural, que houve exploração de ouro na região e também extração da matéria-prima de chocolate:

Orgarina Pinheiro, de 81 anos, outra moradora do vilarejo, chegou junto a nós e acrescentou detalhes à história narrada por Procópio: 'Isso aqui era um entreposto de comércio para os garimpeiros e enquanto teve ouro teve muita prosperidade. Quando acabou o garimpo, Vila Velha virou um lugar fantasma'. Orgarina e Procópio contaram que, depois do garimpo, a população viveu de escambo com os poucos navegantes que atracavam em seu trapiche. 'Eles traziam açúcar, café, roupas e levavam nosso cacau e nosso açaí', disse o velho descendente de índios. 'A gente não imaginava que tivesse tanta riqueza nessas árvores', completou a nativa, lembrando que num passado não muito remoto chegaram a extrair nessas terras mais de 30 toneladas da matéria-prima do chocolate. (GRANATO, 2009, n.p.).

A partir da citação anterior, percebe-se que a comercialização dos produtos ali cultivados se torna praticamente inviável, devido principalmente à falta de infraestrutura e o isolamento geográfico (dificuldade de acesso à Vila Velha), pois, quando os produtos chegam ao município de Oiapoque (local de comercialização), são negociados por um preço elevado para suprir os custos de produção e transporte.

Em 2014, houve muita reivindicação da comunidade para a construção de um ramal que interligasse a vila até a BR-156. Em outubro daquele ano, a população da vila presenciou a conclusão do ramal, dando aos moradores melhores condições de escoamento da produção.

4 | POLÍTICAS PÚBLICAS E PRODUTIVIDADE NO ASSENTAMENTO DE VILA VELHA DO CASSIPORÉ

A partir da pesquisa de campo, verificou-se que os moradores, na sua totalidade, têm suas bases econômicas pautadas basicamente na agricultura e criação de animais. De acordo com o gráfico 1, destaca-se na pecuária a criação de gado bovino (que é o mais praticado), criação de aves (como frango e pato) e gado bubalino (búfalo).



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

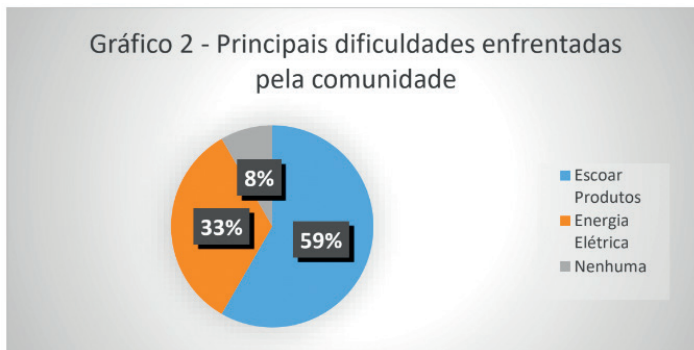
Ao observar o gráfico 1, verifica-se que 43% das famílias do assentamento praticam a criação de gado bovino, enquanto outros 36% criam frangos e patos para suprirem o consumo da família; das aves também retiram os ovos, sendo a segunda atividade mais praticada pelos moradores. Em terceiro lugar, vem a criação de gado bupalino (búfalos) para a venda, assim como de bovinos para os mercados de Oiapoque.

Um fator importante a ser considerado com relação às atividades econômicas exercidas na comunidade é que, apesar de 43% dos moradores entrevistados afirmarem que mantém criação de gado bovino e outros 21% de bupalinos, existem disparidades econômicas na comunidade, haja vista que a comercialização dos bovinos é no mercado de Oiapoque, tendo como consequência a geração de renda apenas para o proprietário dos animais e aos poucos empregos de caseiros e vaqueiros necessários na criação do rebanho.

O processo de comercialização dos produtos é de forma individual, ou seja, cada pecuarista ou agricultor realiza a comercialização de seus produtos, pois não há cooperativa neste assentamento.

A ausência de cooperativa entre os assentados acarreta na concentração de renda na comunidade, onde aqueles que são proprietários de mais animais e terras conseguem comercializar mais produtos e, conseqüentemente, o aumento da renda.

Durante a pesquisa, foi perguntado aos moradores quais as principais dificuldades enfrentadas pela comunidade. As respostas obtidas são demonstradas no gráfico 2.



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

O gráfico 2 mostra que 59% das famílias entrevistadas atestam que o principal problema enfrentado pela comunidade no âmbito da economia é em escoar seus produtos até os mercados consumidores devido à precariedade das vias terrestres, principalmente durante o período do inverno (atoleiros que se formam no ramal) e pelo fato de que dependem de carros cedidos pelo governo para transportarem suas mercadorias.

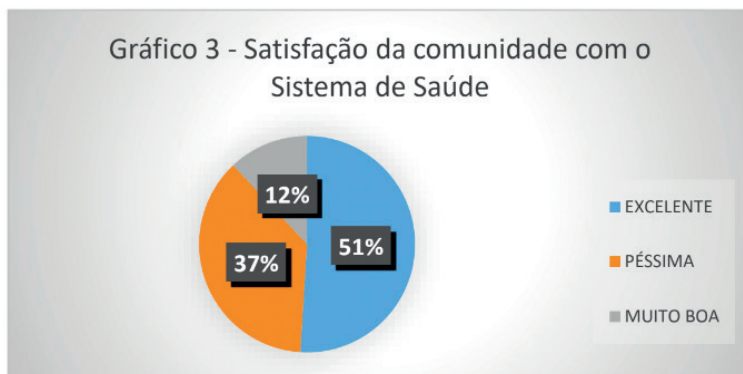
O segundo problema mais citado por seus moradores foi quanto à energia elétrica. A comunidade tem geradores de energia que funcionam apenas uma parte do dia, dificultando o beneficiamento e armazenamento de produtos, ocasionando prejuízos aos comerciantes e moradores da área; apenas 8% dos moradores dizem que a comunidade não tem dificuldades (escoar produtos, energia elétrica).

Destaca-se que as dificuldades apresentadas constituem o mínimo de estrutura que o Estado brasileiro deveria assegurar enquanto políticas públicas para todos os assentamentos e comunidades do Brasil. Essa ausência de condições estruturais contribui para muitos moradores abandonarem suas terras e irem morar no município de Iapoque, especialmente a dificuldade de transporte público para escoarem seus produtos para a feira do agricultor.

No que tange aos moradores que relataram que na comunidade não havia nenhum problema, esta resposta se deve ao fato de que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia, os moradores conseguem superar as dificuldades criando/buscando várias alternativas de sobrevivência: o escoamento da produção, de organização da produção, de comprar ou produzir os insumos, de armazenar ou adquirir sementes, de conseguir apoio técnico ou produzir por meio das concepções tradicionais adquiridas de geração em geração; desta forma, organizam a vida cotidiana.

Outro aspecto verificado em Vila Velha se refere ao sistema de saúde. O gráfico 3 apresenta que 51% dos moradores consideram o sistema de saúde excelente, não porque está bom, mas porque existe o posto de saúde na vila. Ainda que precário, o posto de saúde atende as situações emergenciais e menos complexas. Quando necessário, realiza

a transferência para o hospital de Oiapoque.

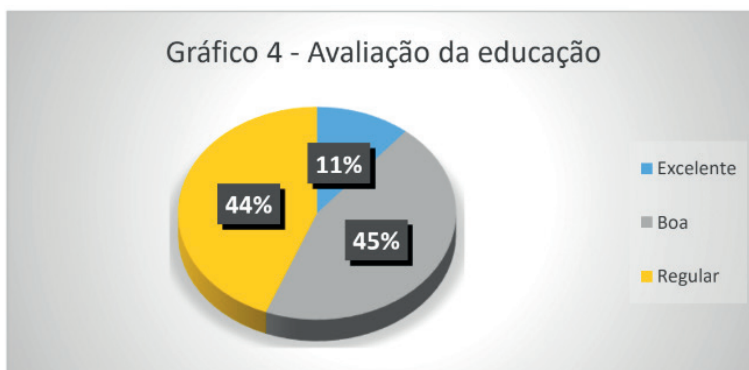


Fonte: Trabalho de Campo (2016).

Quanto aos 37% dos entrevistados que consideram o sistema de saúde péssimo, este fato é apresentado por considerarem que no posto não existem todos os remédios necessários para os atendimentos, sendo necessário a compra dos medicamentos pelos familiares dos pacientes ou até mesmo pelo próprio paciente, em casos menos graves, como febres e dores.

Outros 12% consideram regular a saúde na vila porque já existe um posto de saúde, mesmo que esse posto atenda parcialmente (falta de medicamentos, poucos profissionais, ausência de equipamentos de emergência e outros).

Outro aspecto averiguado foi o índice de satisfação com a educação, como pode ser constatado nos dados apresentados no gráfico 4.



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

Nas entrevistas realizadas, a educação foi avaliada como boa por 45% dos moradores. Neste aspecto, os moradores consideram a existência de duas escolas. Para 44% dos entrevistados, a educação foi considerada regular, porque na escola tem professores e salas de aula. Outros 11% consideram o ensino excelente, pois lembram que no passado nem escola existia.

Na comunidade há duas escolas: uma Escola Municipal, que atende da educação infantil ao 4º ano (por meio do sistema regular de ensino), e uma Escola Estadual, que atende o 5º ano (por meio do sistema regular de ensino), e a partir do 6º ano ao Ensino Médio, o ensino é ofertado por meio do Sistema de Organização Modular de Educação Ensino (SOME).

Em Vila Velha, o analfabetismo é considerado baixo, considerando a população jovem, excetuando-se os moradores mais antigos, pois muitos tiveram que abandonar os estudos para se dedicarem ao trabalho ou sequer tiveram acesso à educação.

5 | CONFLITOS EM VILA VELHA DO CASSIPORÉ

Vila Velha do Cassiporé é uma comunidade tradicional, como assevera Diegues (2001, p. 142):

Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. [...]. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse “know-how” tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. [...] Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura [...].

A partir da criação do Parque Nacional do Cabo Orange (PNCO), ocorrida em 15 de julho de 1980, a área da comunidade de Vila Velha passou a ser considerada área de entorno do Parque. A partir desse momento, iniciou-se todo um processo de restrição aos moradores, com o intuito de atender às legislações ambientais que regem os parques. Algumas exigências dos administradores do Parque conflitaram com o modo de vida tradicional daquela comunidade, ocasionando alguns conflitos.

Esses conflitos se intensificaram a partir da criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), que passou a ser, em 2007, a instituição que administra as unidades de conservação. Esta instituição tem sido motivo de questionamento

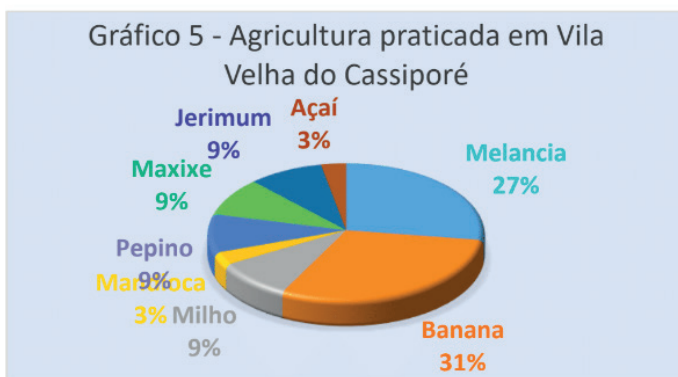
dos moradores, devido às imposições acerca do uso dos recursos naturais e as diversas regras impostas, muitas vezes, sem discussão coletiva. Estes questionamentos são comuns nas comunidades tradicionais dos municípios de Oiapoque e Calçoene, que fazem parte da área de entorno do PNCO. Em Lima e Jucá (2015, p. 169), verificamos alguns desses questionamentos:

O que os moradores questionam não é somente o direito à terra, aos hectares, e sim ao território que construíram e viveram por várias gerações, bem como a autonomia de poder decidir sobre quais as melhores estratégias para uso dos recursos naturais disponíveis para uso comum.

Pela falta de diálogo entre moradores e o ICMBIO, na fase inicial de implantação deste Instituto naquela região, houve diversos conflitos velados entre moradores e o poder estatal ali representado, sobrepondo-se a figura do Estado, com atitudes estritamente impositivas, em detrimento aos interesses coletivos. Nos últimos anos, devido a muitos questionamentos e resistência dos moradores, tem-se estabelecido uma relação mais democrática entre comunidade e Estado, em relação ao uso dos recursos naturais diversos daquele território.

5.1 Produção Agrícola

As atividades agrícolas exercidas na comunidade são em sua maior parte para consumo próprio (subsistência) e uma parcela para venda, onde as comercializações ocorrem principalmente na sede do município (Oiapoque) e em Saint George (Guiana Francesa). No gráfico 5, verificamos quais são os principais produtos agrícolas cultivados.



Fonte: Trabalho de Campo (2016).

De acordo com as entrevistas, os moradores informaram que as culturas mais cultivadas são: melancia, banana, milho, mandioca, pepino, maxixe, jerimum e açaí. Das oito culturas mencionadas, a banana é cultivada por 31% das famílias, a melancia é

cultivada por 27%, as demais culturas cultivadas são: milho (9%), jerimum (9%), pepino (9%), maxixe (9%), mandioca (3%) e açaí (3%).

Todo o sistema de plantio e colheita não é comunitário e não há mutirão de trabalho. Este processo se dá por meio do trabalho familiar.

5.2 Potencial Turístico de Vila Velha do Cassiporé

Vila Velha do Cassiporé tem um grande potencial turístico, pois, além de fazer parte da área de entorno do Parque Nacional do Cabo Orange, possui belezas naturais, como a Floresta Amazônica, com sua fauna e flora extremamente ricas em biodiversidade, pelos fenômenos naturais como a **pororoca**, que podem ser muito bem aproveitados turisticamente, fenômenos esses que poderiam gerar emprego e renda para a população local.

Há, também, no rio Cassiporé várias corredeiras contornadas por rochas, contribuindo para o turismo geológico e a visita pelas trilhas ecológicas feitas pelos próprios moradores que mostram a riqueza de belos lagos ricos em peixes e jacarés.

Todo este potencial é frequentemente visitado por estrangeiros, oriundos principalmente da Guiana Francesa, como diagnosticamos quando estávamos no processo de pesquisa e também pelos relatos de moradores.

Outro potencial turístico daquela região são as paisagens rochosas sobre o rio Cassiporé, onde durante o dia é bem apreciado o banho nas corredeiras e à tarde o belo pôr do sol.

5.3 Potencial de Cacau em Vila Velha do Cassiporé

Em Vila Velha do Cassiporé há uma grande plantação de cacauzeiros, cujos frutos produzem cacau orgânico de alta qualidade, com grande potencial para exploração e exportação. De acordo com relatos de moradores, é desconhecida a origem desta plantação, que contorna todo o assentamento. Alguns dizem que os antigos estrangeiros que ali moraram realizaram o plantio que se disseminou por meio do consumo pelos animais, que espalharam por toda a área as sementes.

Outros informantes acreditam que esta plantação é nativa da região. Mas é concordância a qualidade do fruto, como é relatado pelo guarda-parque:

Como atesta Irandi Miranda, guarda-parque do Parque Nacional do Cabo Orange (PNCO). “[...] a área daqui é muito grande, muito bonita e não é divulgada, nunca foi filmada, nunca foi mostrada; temos um jeito antigo de fazer cacau, licor, chocolate, as barras de cacau [...] temos vários licores de bebidas, bebidas típicas aqui do Cassiporé, como licor de açaí, de jenipapo, e outras bebidas que as pessoas estão incentivando e oferecendo aos turistas que vêm visitar a gente, pra provarem e saírem com aquele gosto de “ah, tomei isso aqui *só lá na Vila Velha do Cassiporé*”. (SILVA; KORNIEJZUC; DELELIS, 2010, n.p.).

Em outra entrevista à Revista Globo Rural, sobre o cacau orgânico e sua qualidade, os moradores descrevem um possível acordo de cooperação técnica com a Guiana Francesa, onde relatam:

A sabedoria daquela gente pode ser medida pela frase de um de seus habitantes mais antigos, Manuel Procópio de Almeida, 82 anos, filho de índia caripuna: “Aqui ninguém faz mal para a natureza e a natureza não faz mal a ninguém”. A exportação - contou Procópio, numa visita de Globo Rural ao vilarejo, chamado Vila Velha de Cassiporé - acontecerá por meio de um termo de cooperação firmado entre o governo do Amapá e o da Guiana Francesa. O acordo possibilitará à cooperativa local dos extrativistas (a Acaap - Associação Agro-Extrativista do Cassiporé) - vender sua produção anual para a Guyane Technopole, uma ONG da Guiana. Essa instituição absorverá, já a partir deste ano, cerca de 10 toneladas do produto, ao preço de R\$ 8 o quilo da amêndoa *in natura*. A Guiana Francesa é um departamento ultramarino da França e se encarregará do transporte do cacau para a Europa, onde ele será transformado em chocolates finos. (GRANATO, 2009, n.p.).

É consenso na comunidade que o cacau daquela região é de boa qualidade e do tipo orgânico, onde muitos moradores vendem este produto *in natura* ou por meio do beneficiamento artesanal para o município de Oiapoque, para Guiana Francesa (Saint Georges) e para barcos oriundos do Estado do Pará (que chegam naquela região através do Oceano Atlântico).

Durante pesquisa de campo, detectou-se que na região já houve um Projeto de Beneficiamento do Cacau, cuja estrutura foi totalmente inutilizada devido à falta de água encanada e energia elétrica para funcionamento dos equipamentos. Toda estrutura nunca sequer foi utilizada, pois não existe água encanada na vila e, devido à falta de manutenção da estrutura construída, tudo está se deteriorando.

Quanto à energia elétrica, a comunidade é abastecida por meio de motor gerador. Segundo relatos, o Governo do Estado demora meses para efetuar a entrega de óleo diesel para abastecimento do mini gerador de energia, deixando a vila durante meses sem energia.

Os moradores também afirmam que, quando há o funcionamento do motor gerador, este só funciona quatro horas por dia, no período noturno e com pouca capacidade de amperagem, o que tornaria inviável a utilização dos maquinários. Todos os fatores citados contribuíram para o fracasso do projeto de beneficiamento do cacau.

6 | CONCLUSÃO

Durante a pesquisa, percebemos que é notório o descaso do poder público, seja em nível Federal, Estadual ou Municipal, com as políticas de Reforma Agrária. Apesar de termos verificado, *in loco*, as potencialidades da região de Vila Velha do Cassiporé, não há investimento eficaz para alavancar a economia e o bem-estar social dos assentados.

Também se observou que o desinteresse e o descuido com a população da região têm ocasionado um certo desânimo nos moradores, que é relatado constantemente em falas do tipo “não adianta a gente lutar, eles nem nos escutam”, ocasionando um certo descrédito no poder de organização comunitária e na luta para assegurar os direitos que estão sendo negados àquelas pessoas.

Para tanto, é necessário que exista entre o poder público e a comunidade um diálogo para que juntos possam superar os conflitos e traçar metas de desenvolvimento para o assentamento e uma melhor apropriação dos recursos naturais, a fim de assegurar para a comunidade emprego e renda, com respeito à biodiversidade.

Outra potencialidade que alguns moradores já buscam como forma de aquisição de renda é o turismo. Com relação a isso, acreditamos que de fato existe na região este potencial, mas que precisa ser devidamente regulamentado pelos órgãos governamentais, para que ocorra um turismo sustentável e evite graves problemas como degradação ambiental e biopirataria.

Durante as entrevistas, percebemos que havia uma grande perspectiva dos moradores para a efetivação do ramal de acesso à BR-156. Quando ocorreu a abertura do mesmo, verificamos que, de fato, houve um grande entusiasmo dos moradores em perceber novos caminhos para o desenvolvimento da vila e o aumento da produtividade agrícola, pois acreditam que irá melhorar o escoamento de suas produções e aumentar o emprego e renda dos assentados.

A comunidade relata que, com o ramal, irá também aumentar o escoamento de bovinos e búfalos (*in natura*) para o consumo da carne naquele município, já que existe a criação deste animal na vila.

Para os assentados ainda há muitas necessidades primárias que eles estão buscando (por meio da associação de moradores). É preciso exigir do Estado aquilo que lhes é de direito enquanto estrutura básica e mínima para efetivar melhores políticas públicas e melhoria na qualidade de vida dos assentamentos, como, por exemplo, melhor estrutura escolar, de saúde, energia elétrica, água encanada, transporte para escoamento dos produtos até o Oiapoque, para a feira de produtores rurais, e tantas outras estruturas que podem contribuir no desenvolvimento da comunidade.

REFERÊNCIAS

AMAPÁ. **Programa de prevenção e controle do desmatamento e queimadas do estado do amapá.** Plano Estadual do Amapá. Macapá: PPCDAP/SEMA/AP, 2012.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

GOMES, Eduardo Lima dos Santos. **Turismo no entorno do Parque Nacional do Cabo Orange, Amapá**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

GRANATO, Fernando. Por um fio. **Revista Globo Rural**, Editora Globo, Rio de Janeiro, edição 285, jul. 2009. Disponível em: http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/0,3916,1702234-1641-1,00.html. Acesso em: 26 ago. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Diagnóstico Fundiário do Estado Do Amapá**. Macapá: INCRA/Divisão Técnica, 2006.

_____. **Projetos e Assentamentos no Estado do Amapá**. Macapá: INCRA/Divisão de Geoprocessamento, 2016.

_____. **Tipos de Projetos Criados e Número de Famílias Assentadas nos Projetos de Reforma Agrária**. Macapá: INCRA/Divisão de Geoprocessamento, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ. **Projetos de assentamentos no Estado do Amapá**. Divisão de Geoprocessamento. Macapá: IEPA, 2012.

LIMA, Ricardo Ângelo Pereira de; JUCÁ, Thaylana Soraya da Silva. Conflitos entre o Parque Nacional do Cabo Orange e a Comunidade Remanescente do Quilombo de Cunani, no Estado do Amapá. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, v. 2, n. 3, p. 153-174. jan./jun. 2015.

PICANÇO, Estácio Vidal. **Informações sobre a História do Amapá (1500-1900)**. Macapá: Imprensa Oficial, 1981.

SANTOS, Antônio Carlos Rodrigues. **Geografia do Amapá: A (RE) Reprodução do Espaço Amapaense e seus contrastes**. Macapá: RVS Gráfica, 2005.

SILVA, David Leonardo Bouças da; KORNIEJZUC, Nádia Bandeira Sacenco; DELELIS, Caroline Jeanne. **Tartaruga Imbricata no PARNA Cabo Orange**: depoimento. São Paulo: Instituto Socioambiental, Unidades de Conservação do Brasil, 2010. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/depoimentos#tartaruga-imbricata-no-parna-cabo-orange>. Acesso em: 26 ago. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 5, 6, 7, 10, 5, 8, 12, 21, 26, 27, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 70, 72, 76, 81, 83, 86, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 103, 108, 112, 113, 115, 116, 117, 122, 129, 133, 137, 146, 148, 149, 160, 165, 167, 168, 184, 188, 190, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 212, 213, 217, 232, 242, 243, 245, 249, 254, 256, 261, 262, 268, 272, 279, 281, 282, 285, 286, 291, 296, 317, 319, 320, 321, 322, 327, 329, 331, 332, 333, 334, 335

Aprender 115, 116, 240, 254, 264, 291, 296, 307

Aprendizagem 234, 238, 241, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 260, 261, 262, 264, 336

Avaliação 9, 92, 94, 105, 113, 137, 148, 150, 151, 152, 155, 156, 165, 199, 201, 204, 252, 253, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 319

B

Bacia 51, 52, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 96, 108, 146, 218, 260, 333

Brasil 8, 4, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 16, 26, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 59, 61, 73, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 91, 93, 96, 108, 112, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 132, 133, 136, 149, 150, 151, 157, 160, 161, 166, 167, 169, 172, 173, 176, 183, 184, 187, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 202, 210, 212, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 237, 242, 250, 256, 258, 265, 286, 330, 333, 334, 335

C

Cidadania 8, 159, 160, 163, 164, 166, 167, 187, 233

Cidade 6, 7, 1, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 37, 53, 58, 64, 73, 99, 102, 103, 104, 105, 119, 123, 132, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 192, 193, 197, 212, 252, 259, 260, 265, 275, 281, 283, 284, 285, 288, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 330

Conhecimento 5, 5, 6, 12, 32, 35, 41, 178, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 245, 246, 249, 250, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 264, 291, 297, 317, 318, 319, 320, 321, 335

Contexto 8, 3, 4, 6, 7, 9, 13, 14, 15, 18, 20, 22, 41, 42, 43, 48, 51, 52, 57, 58, 87, 98, 111, 116, 134, 160, 161, 162, 164, 167, 184, 185, 188, 191, 200, 210, 212, 215, 223, 227, 232, 234, 235, 236, 239, 240, 251, 254, 255, 256, 258, 259, 261, 280, 283, 290, 292

Cultura 1, 2, 3, 4, 11, 12, 13, 24, 27, 41, 85, 110, 115, 148, 150, 152, 156, 158, 171, 178, 221, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 275, 276, 279, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 296, 303, 308, 315

D

Dados 16, 21, 24, 29, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 91, 93, 94, 95, 102, 103, 104, 106, 108, 114, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 142, 148,

149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 165, 171, 173, 177, 204, 209, 212, 216, 226, 232, 240, 245, 256, 259, 260, 262, 266, 267, 268, 270, 272, 290, 291, 293, 296, 320, 321, 327, 335

Desenvolvimento 8, 2, 7, 9, 26, 29, 31, 36, 40, 41, 43, 45, 46, 50, 59, 60, 64, 68, 71, 72, 73, 74, 78, 83, 93, 97, 101, 102, 103, 105, 106, 111, 115, 121, 122, 133, 134, 147, 148, 150, 153, 157, 169, 170, 171, 178, 182, 183, 184, 188, 191, 192, 193, 199, 200, 201, 204, 211, 212, 218, 219, 222, 223, 226, 227, 228, 230, 236, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 256, 259, 261, 266, 276, 277, 296, 298, 318, 336

Diversidade 5, 11, 52, 53, 55, 57, 58, 72, 81, 84, 93, 161, 170, 226, 230, 232, 234, 235, 237, 238, 240, 241, 242, 254, 317

Docente 202, 209, 232, 235, 236, 240, 244, 250, 254, 291

E

Educação 5, 9, 50, 149, 152, 153, 156, 157, 165, 169, 177, 178, 192, 199, 201, 209, 217, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 266, 267, 268, 270, 272, 273, 290, 291, 295, 296, 297, 332, 336

Educação Geográfica 5, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 251, 336

Espaço 5, 8, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 49, 59, 76, 77, 79, 83, 85, 88, 95, 129, 152, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 183, 187, 190, 197, 200, 210, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 221, 228, 229, 233, 238, 240, 244, 249, 265, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 294, 295, 297, 298, 329, 332

Estudo 7, 9, 5, 8, 23, 24, 32, 44, 45, 48, 49, 60, 61, 77, 81, 84, 86, 92, 94, 96, 99, 100, 102, 103, 108, 120, 131, 133, 147, 151, 152, 155, 156, 160, 163, 166, 169, 170, 184, 188, 189, 191, 193, 195, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 209, 211, 214, 226, 230, 231, 232, 234, 239, 242, 247, 255, 256, 259, 261, 274, 275, 279, 281, 287, 290, 291, 293, 296, 317, 318, 319, 321, 331, 333

F

Formação 2, 7, 16, 34, 42, 45, 72, 100, 119, 120, 121, 169, 170, 172, 190, 192, 193, 200, 229, 232, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 244, 246, 253, 254, 260, 262, 265, 290, 291, 295, 327

Fundamentação 29, 210, 216, 258

G

Gênero 5, 8, 13, 26, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 237, 238, 261, 336

Geografia 2, 5, 6, 9, 10, 1, 2, 3, 4, 5, 9, 12, 13, 14, 16, 23, 24, 26, 27, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 59, 60, 70, 73, 76, 85, 87, 91, 96, 97, 117, 118, 132, 160, 167, 169, 183, 190, 200, 202, 203, 209, 210, 211, 212, 217, 228, 229, 230, 232, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 265, 266, 267, 268, 272, 274,

275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327, 331, 332, 333, 334, 336

Geográfico 5, 9, 9, 11, 12, 18, 22, 29, 30, 31, 35, 36, 38, 39, 42, 43, 70, 72, 77, 79, 83, 95, 174, 190, 197, 200, 204, 212, 214, 219, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 277, 286, 287, 298, 304, 318, 332

Gestão 5, 7, 8, 22, 69, 71, 73, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 87, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 105, 109, 147, 148, 149, 151, 156, 158, 159, 166, 167, 168, 188, 189, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 209, 221, 222, 227, 228, 230, 245, 247, 252, 255, 273, 297, 317, 335

H

História 4, 7, 9, 13, 14, 22, 39, 41, 44, 47, 50, 169, 170, 173, 174, 183, 185, 186, 200, 212, 213, 214, 220, 227, 232, 236, 238, 240, 241, 272, 274, 277, 278, 279, 286, 290, 292, 296, 307, 313, 324, 326, 334

Humano 22, 35, 68, 71, 72, 83, 88, 92, 94, 100, 111, 150, 157, 281, 290, 294

I

Imagem 6, 1, 3, 4, 5, 6, 11, 13, 22, 24, 28, 35, 95, 125, 127, 128, 130, 206

Indivíduo 2, 11, 20, 21, 35, 244, 261, 262, 275, 288, 289, 290, 296

Informação 12, 20, 22, 30, 32, 35, 91, 94, 95, 102, 113, 212, 266, 267, 268, 283, 291, 295, 317, 319, 328, 335

L

Linguagem 3, 5, 6, 8, 20, 27, 319

Lugar 5, 8, 9, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 31, 32, 65, 91, 95, 139, 153, 156, 164, 173, 174, 175, 209, 212, 219, 227, 240, 254, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 291, 295, 299, 310

M

Mediação 234, 261

Metodologia 14, 16, 29, 41, 99, 102, 114, 135, 136, 170, 184, 188, 202, 245, 264, 268, 291, 321

N

Natureza 5, 2, 4, 8, 11, 15, 21, 24, 36, 37, 41, 77, 84, 93, 97, 99, 100, 108, 110, 111, 116, 181, 182, 187, 188, 190, 203, 213, 238, 244, 254, 265, 266, 268, 275, 277, 280, 297, 320, 321

Necessidade 30, 34, 40, 64, 73, 76, 105, 118, 120, 150, 154, 161, 165, 169, 188, 190, 206, 211, 212, 214, 215, 219, 223, 226, 232, 236, 245, 264, 272, 282

O

Organização 18, 20, 21, 27, 28, 30, 46, 47, 57, 78, 79, 92, 99, 101, 103, 106, 123, 124, 176,

178, 182, 213, 215, 221, 262, 264, 280, 295, 322

P

Paisagem 1, 3, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 18, 24, 76, 77, 79, 81, 82, 122, 145, 184, 188, 189, 193, 194, 201, 253, 255, 256, 257, 259, 262, 264, 275, 276, 278, 279, 289, 331, 333

Participação 34, 59, 68, 69, 116, 147, 149, 151, 152, 161, 164, 188, 226, 233, 235, 237, 290, 317, 319, 321, 325, 326, 330, 331

Pedagógica 232, 234, 236

Pesquisa 7, 14, 16, 17, 23, 24, 26, 29, 31, 32, 35, 43, 51, 52, 74, 76, 91, 92, 96, 99, 102, 108, 110, 111, 113, 115, 117, 132, 148, 150, 156, 157, 159, 165, 166, 167, 170, 174, 175, 180, 181, 184, 188, 189, 200, 203, 204, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 217, 230, 231, 232, 237, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 255, 257, 258, 259, 262, 264, 265, 266, 268, 272, 282, 285, 317, 320, 321, 322, 325, 329, 330, 332, 334, 336

Pessoas 15, 17, 19, 22, 34, 35, 36, 72, 91, 92, 93, 100, 101, 102, 105, 112, 113, 149, 154, 155, 156, 158, 164, 170, 173, 180, 182, 187, 192, 193, 194, 198, 222, 238, 258, 280, 284, 288, 289, 292, 295, 296

Poder 3, 7, 8, 11, 27, 33, 39, 44, 50, 58, 59, 64, 65, 89, 101, 113, 116, 153, 154, 156, 163, 171, 179, 181, 182, 206, 219, 220, 221, 228, 229, 233, 236, 238, 240, 242, 279, 280, 281, 283, 284, 286, 288, 298, 299, 302, 303, 304, 309, 313, 320

Problema 43, 44, 45, 89, 94, 101, 141, 154, 155, 165, 176, 188, 198, 207, 209, 234, 251, 308, 309

Professor 41, 76, 118, 169, 209, 223, 233, 242, 244, 246, 247, 248, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 269, 270, 272, 336

Q

Questionário 216, 243, 245

R

Relações 2, 5, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 35, 39, 41, 42, 48, 49, 50, 71, 75, 77, 79, 80, 187, 205, 213, 216, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 244, 247, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 288, 289, 290, 328

Religião 9, 24, 233, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287

S

Sociedade 2, 5, 1, 2, 4, 5, 10, 12, 27, 28, 29, 36, 37, 73, 75, 77, 83, 100, 107, 110, 112, 116, 119, 150, 151, 154, 165, 168, 188, 189, 190, 192, 197, 200, 201, 231, 233, 235, 236, 239, 275, 279, 281, 282, 288, 295, 296

Socioambientais 8, 110, 184, 189, 192, 193, 194, 196, 200, 202, 203, 205, 206, 207, 260

Socioeconômicas 8, 21, 28, 39, 43, 48, 112, 147, 184, 190, 247

T

Tecnologia 28, 36, 88, 96, 97, 108, 199, 201, 212, 222, 288, 291, 296, 329

Teórico 16, 23, 36, 39, 204, 212, 235, 254, 257, 262, 276, 277, 279, 281, 301, 305

Território 4, 5, 8, 11, 12, 13, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 40, 43, 50, 53, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 73, 77, 83, 102, 111, 112, 113, 166, 170, 172, 173, 179, 192, 195, 201, 212, 218, 221, 224, 227, 230, 231, 238, 280, 282, 283, 284, 285, 287, 336

Trabalho 1, 2, 10, 14, 16, 18, 23, 30, 33, 34, 35, 38, 42, 43, 46, 60, 69, 70, 84, 86, 95, 111, 113, 118, 120, 122, 124, 148, 149, 151, 157, 159, 160, 162, 164, 166, 169, 171, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 187, 200, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 228, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 259, 261, 262, 264, 266, 267, 268, 272, 274, 275, 279, 280, 319, 320, 321, 324, 325, 326, 327, 333

U

Urbano 8, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 64, 74, 87, 88, 93, 121, 133, 148, 151, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 201, 212, 251, 280, 281, 284, 286, 289, 290, 292, 332, 333

V

Vida 8, 9, 10, 12, 18, 26, 27, 28, 31, 35, 36, 60, 72, 73, 74, 83, 91, 94, 96, 101, 112, 113, 115, 119, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 159, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 172, 176, 178, 182, 187, 188, 190, 191, 194, 197, 214, 221, 233, 234, 237, 238, 240, 258, 264, 275, 276, 277, 280, 281, 283, 285, 286, 290, 292, 299, 303, 307, 331

Vivência 13, 18, 108, 164, 165, 284

Atena
Editora
Ano 2021


GEOGRAFIA:

**A Terra como Palco das Relações
entre Sociedade e Meio**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora
Ano 2021

GEOGRAFIA:

**A Terra como Palco das Relações
entre Sociedade e Meio**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 